



RELAÇÕES INTERDISCURSIVAS NA MATERIALIDADE DA CYPHER: UMA ANÁLISE DO DISCURSO ESTÉTICO

INTERDISCOURSE RELATIONS IN THE MATERIALITY OF THE CYPHER: AN ANALYSIS OF THE AESTHETIC DISCOURSE

João Kogawa¹

Kevyn Rodrigues Nascimento²

Resumo: Desde os anos 1980, no Brasil, assistimos a um crescimento exponencial na popularidade do rap e, com ele, a uma ruptura, no discurso estético, entre um sujeito periférico objetificado e passivo e um outro, colérico e reivindicador, próprio da periferia das grandes cidades. Tal crescimento produziu algumas subespecificações desse gênero musical, dentre as quais destacamos, neste artigo, a *cypher*, subgênero do rap em que um grupo de rimadores canta completando as rimas uns dos outros em sequência. Entendemos por sujeito periférico, na *cypher*, a posição significada pelo habitante da periferia das grandes cidades, hoje marcada por formas de expressão próprias que se singularizam em relação à literatura brasileira clássica. Essa diferença não se dá apenas em relação a obras mais longínquas como *Dom Casmurro* (1899), *Os sertões* (1902) ou *Vidas secas* (1938), mas também em publicações mais recentes como *Quarto de despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus. Em certa medida, a *cypher* materializa uma “retórica da periferia” em que o sujeito, parafraseando Courtine (2015), diz sua cólera. Nesse sentido, este artigo propõe uma análise do discurso estético na materialidade da *cypher Favela Vive*. Ao todo, quatro canções constituem nosso *corpus*. Mobilizamos o conceito de interdiscurso para pensar como o sujeito periférico é constituído a partir da relação intrincada entre os discursos bélico, político-econômico, religioso e pedagógico.

Palavras-chave: *Cypher*; Discurso estético; Interdiscurso; Sujeito periférico.

Abstract: Since the 1980s, in Brazil, we have witnessed an exponential growth in the popularity of rap and, with it, a rupture, in the aesthetic discourse, between an objectified and passive peripheral subject and another, angry and demanding, typical of the periphery of the big cities. This growth has produced some sub-specifications of this musical genre, among which we highlight, in this article, *cypher*, a subgenre of rap in which a group of rymers sing, completing each other's rhymes in sequence. We understand by peripheral subject, in *cypher*, the position signified by the inhabitant of the outskirts of large cities, today marked by their own forms of expression that stand out in relation to classic Brazilian literature. This difference does not only occur in relation to more distant works such as *Dom Casmurro* (1899), *Os sertões* (1902) or *Vidas secas* (1938), but also in more recent publications such as *Quarto de despejo* (1960), by Carolina Maria de Jesus. To a certain extent, the *cypher* materializes a “rhetoric of the periphery” in which the subject, paraphrasing Courtine (2015), expresses his anger. In this sense, this article proposes an analysis of the aesthetic discourse in the materiality of the *Favela Vive cypher*. In total, four songs constitute our *corpus*. We mobilize the concept of interdiscourse to think about how the peripheral subject is constituted based on the intricate relationship between military, political-economic, religious, and pedagogical discourses.

Keywords: *Cypher*; Aesthetic discourse; Interdiscourse; Peripheral subject.

¹ Professor do Departamento de Letras e do PPG – Letras da Universidade Federal de São Paulo, Unifesp, Guarulhos, SP, Brasil. kogawa@unifesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8285-9932>

² Discente do curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo, Unifesp, Guarulhos, SP, Brasil. Bolsista CNPq/PIBIC – AF. rodrigues.kevyn@unifesp.br ID Lattes: 9542374584423536. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7079-151X>

INTRODUÇÃO

O Brasil não tem uma história marcada por narrativas de heróis nacionais exemplares, isto é, modelos em que se manifesta, como descrito por Jaeger sobre a Grécia Antiga, “[...] o significado pedagógico do exemplo” (Jaeger, 2020, p. 56). Em geral, em países considerados “desenvolvidos”, há uma larga tradição cultural e literária que inscreve na memória popular feitos e façanhas de grandes personagens. Independentemente de uma discussão política, a Europa, por exemplo, construiu, ao longo do tempo, desde os gregos, um discurso estético que valoriza o sentimento de honra, lealdade e grandeza – um exemplo concreto está nas narrativas de cavaleiros, típicas da Idade Média. Isso não quer dizer que a literatura europeia seja “melhor” ou “pior” que a brasileira ou que não tenha havido narrativas pouco heroicas na Europa – basta lermos o *Germinal*, de Zola, para percebermos isso –, mas tão somente que essa tradição heroizante existe lá e não aqui. Não se trata de moralizar a estética nacional dos diferentes países, mas de visualizar funcionamentos distintos.

O discurso estético no Brasil, há muito tempo, funciona como lente de uma certa periferia marginalizada. Em que pesem as várias definições possíveis para “discurso”, neste artigo entendemo-lo como

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (Foucault, 2004, p. 133).

Paul Veyne (2011, p. 49) interpreta essa concepção de discurso pela metáfora do aquário, segundo a qual “[...] sempre somos prisioneiros de um aquário do qual nem sequer percebemos as paredes; como os discursos são incontornáveis, não se pode, por uma graça especial, avistar a verdade verdadeira [...]”. Tal leitura sistematiza a concepção de discurso foucaultiana – retomada por Courtine (2009) – e, nesses termos, o discurso estético seria um “aquário” de tipo artístico, ou seja, de textos literários, cancionários, fílmicos etc. responsáveis pela emergência de efeitos de sentido sobre a brasilidade.

O degradado, o excluído e o marginalizado compõem o cenário dominante desse discurso estético, em geral, e de nossa literatura, em particular, ao menos, até a emergência do rap e, mais recentemente, da *cypher*. As características das personagens literárias dominantes da literatura brasileira derivam de uma construção estética idealista que marca a posição do excluído, do vilipendiado. Personagens como Fabiano, de *Vidas Secas*, Antônio Conselheiro, de *Os sertões*, ou mesmo burocratas como Bentinho, de *Dom Casmurro*, oscilam entre “pobres coitados” e “maus-caracteres”.

Esse modo de valorar mudou com o rap e, como demonstramos mais adiante, com a *cypher*, ainda que a ruptura não seja absoluta. O periférico tem deixado de existir apenas pela pena dos escritores consagrados pelo cânone literário. Essa reconfiguração no discurso estético marca uma virada em que o próprio excluído, o marginalizado, passa a “falar de si mesmo”.

Nesse quadro, é possível diagnosticar duas linhas distintas de construção do periférico: em uma delas, o discurso estético constrói um sujeito da recusa, especialmente do espaço em que vive; em outra, constrói o sujeito da reivindicação desse mesmo espaço. Na primeira, o sujeito periférico é aquele de *Quarto de despejo*, ou seja, um representante do ideal de “fim da favela”, de êxodo desse lugar: “[...] que os políticos estingue as favelas” (De Jesus, 1963, p. 17). Na segunda, emerge o sujeito da cólera, da denúncia e da reivindicação – a periferia é seu lugar –, tal como depreendemos nas *cyphers*.

A estetização do excluído na *cypher*, efetivamente, herda uma prática discursiva já em curso na literatura brasileira dos séculos XIX e XX. O sujeito periférico – a posição

do habitante das periferias das grandes cidades – da *cypher* é uma virada de chave no modelo terceirizado da literatura brasileira clássica. Se antes, a figura do excluído (o retirante, o sertanejo, o indígena, o negro etc.), era objeto de literatos e acadêmicos de prestígio, hoje, na paisagem das grandes cidades, o discurso estético dispõe, para o próprio excluído, de um espaço de dizibilidade.

Nas quatro *cyphers* analisadas neste artigo, o sujeito periférico resulta da interdiscursividade entre o político-econômico, o bélico, o religioso e o pedagógico. O funcionamento do interdiscurso se dá, na linearidade do intradiscurso, pela presença de um vocabulário que evoca, na complementaridade da rima, cada um dos discursos mencionados. Com efeito, o *corpus* exhibe um cenário de guerra entre favela-Estado e favelado-polícia em que o sujeito periférico, antes submisso, hoje vai para o enfrentamento. Nessa condição, desvela-se o paradoxo da luta contra o sistema *vs.* a vitória pelo capital; da guerra contra o Estado – complementada pela recusa à educação formal – *vs.* o fetiche pelas grandes marcas.

A *cypher*, subgênero distintivo do rap, teve sua origem nos Estados Unidos durante a década de 1970. Sua origem está diretamente relacionada a uma organização religiosa e política associada à *Nação do Islã*³, conhecida como *Five Percent Nation* (5%ers):

Fundada em 1964 no Harlem, em Nova York, por Clarence Smith, o Clarence 13X, teve seu nome baseado na nova interpretação que 13X fez para a doutrina da Nação do Islã. Segundo o pregador, a humanidade se divide em três grupos: 85% estariam cegos para o conhecimento sobre si próprios e deus; 10% saberiam a verdade, mas ensinariam mentiras para benefício próprio; e 5% seriam os Poor Righteous Teachers (algo como “Professores Corretos e Pobres”, em inglês), os quais não concordariam com o que fosse dito pelos 10% que mentem, pois saberiam eles próprios a verdade: que o homem negro é deus⁴.

Nessa trajetória, a *cypher* floresceu a partir de encontros em que os artistas, incluindo MCs, B-Boys e DJs, se reuniam em círculos para compartilhar seus conhecimentos, seja por meio de improvisação ou de performances pré-elaboradas. Essa prática, metaforicamente enraizada na Matemática Suprema, atribui ao termo *cypher* uma etimologia que remonta ao zero em árabe⁵, simbolizando união, sabedoria e entendimento.

No Brasil, a *cypher* tornou-se mais conhecida a partir de *Favela Vive*, em 2016. De forma distinta do que se realizava nos Estados Unidos, a *cypher* brasileira dá conta da junção dos MCs em um único projeto musical. *Favela Vive*, do grupo *ADL – Além da Loucura* –, é um dos exemplos desses projetos que fazem ecoar, através de diversas vozes, o grito de uma favela que reivindica seu próprio espaço. Em meio à miséria, fome e injustiça, os artistas participantes das quatro edições desse projeto constroem um ambiente combativo de denúncia e apropriação, tanto para a favela quanto para seus habitantes; um ritual, conforme demonstraremos adiante, não isento de falhas (Pêcheux, 1997).

Para interpretar esse funcionamento, extraímos das *cyphers* um conjunto de sequências discursivas (Courtine, 2009) à luz das quais descrevemos a materialidade do discurso. Por materialidade, entendemos a “materialidade do texto” (Orlandi, 1990, p. 186) como conjunto de sequências discursivas que se agrupam e, para além do linguístico,

³ Uma descrição mais detalhada dessa história encontra-se disponível em: https://docs.ufpr.br/~coorhis/mnes/movimentos_nacao_islam.html. Acesso em 09 abr. 2024.

⁴ Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/cyphers-como-quebrada-queer-poetisas-no-topo-e-lingua-dos-campeoes-aumentam-a-diversidade-no-rap>. Acesso em: 09 abr. 2024.

⁵ Do ponto de vista morfológico, *cypher* deriva de “sifr”, que significa zero em Árabe.

estabelecem “[...] uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela História, que envolve a própria materialidade do enunciado” (Gregolin, 2007, p. 96).

CYPHER, INTERDISCURSO E SUJEITO PERIFÉRICO

Em maio de 2013, durante um evento sobre literatura marginal em Berlim, um dos expoentes brasileiros do gênero, Sérgio Vaz, afirmou o seguinte ao jornalista Marco Sanchez, do portal *DW*:

Gosto do termo literatura periférica porque diz de onde viemos. Antigamente falavam pela gente. Hoje, falamos por nós mesmos (...). Essa é a literatura dos pobres e oprimidos, o povo se assanhando a contar sua própria história. Não é uma literatura melhor que a acadêmica – muito pelo contrário. Mas é carregada de emoção e verdade (VAZ, apud SANCHEZ, 2013⁶).

Sem pretender dar conta do gênero literatura marginal como um todo, mas entendendo que a definição acima é sintomática de uma ruptura no discurso estético, o trecho acima significa um ideal de mudança de um lugar construído para o sujeito para um outro construído pelo sujeito. Isso produz um efeito de sentido de legitimação na medida em que seria mais fidedigno ouvir do “próprio sujeito” a sua condição do que ouvir de terceiros. A definição de literatura periférica inscrita acima também é importante, pois, ao mesmo tempo em que destaca uma singularidade – “é a literatura dos pobres e oprimidos” e não “sobre os pobres e oprimidos” – não deixa de reconhecer o valor dos clássicos – a “literatura acadêmica”.

Em outras palavras, Vaz afirma o novo sem deixar de reconhecer a relevância do cânone ou de escritores que idealizam os oprimidos do exterior, “além da barricada”. Esse tom mais moderado e conciliador não funciona nos dizeres do nosso *corpus*, composto por enunciados disruptivos face ao embate entre o *cá* e o *lá* “da barricada”.

Em um estudo sobre a fala pública em que rastreia, dentre outras coisas, o advento da fala proletária, Courtine destaca a figura de Etienne, personagem central do romance *Germinal*, de Zola, e afirma: “O que sugere Zola é o advento de uma nova fala: através de sua boca, será o grupo de mineiros e, por extensão, toda a classe trabalhadora que começará finalmente a falar” (Courtine, 2015, p. 279). A posição do sujeito periférico nas *cyphers* implica este mesmo funcionamento, ou seja, um membro do grupo socialmente marginalizado emerge no vocabulário rimado como uma espécie de visão de conjunto da favela. As sequências discursivas depreendidas das canções formam um arranjo interdiscursivo que põe diferentes dizeres e valores em “um lugar só”, isto é, no espaço-tempo do discurso estético.

O rap é, desde seu surgimento no Bronx, um movimento de contracultura. Nessa trajetória, o gênero vem ganhando força – sobretudo na última década e na periferia – como voz de denúncia que expõe as mazelas do Estado, os “perigos do sistema” e a sua ação truculenta. Essa voz resistente constrói um sujeito periférico que não quer mais só falar; procura também revidar e combater. No Brasil, o rap surge em meados da década de 1980. Assim como o samba, o ritmo foi atravessado por uma série de estigmas por ser, grosso modo, um movimento “porta-voz da periferia”.

Em 2020, *Sobrevivendo no Inferno*, considerada por muitos a *magnum opus* do grupo *Racionais MCs* – um dos maiores, senão o maior expoente do rap brasileiro –,

⁶ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/literatura-marginal-brasileira-ultrapassa-fronteira-das-periferias/a-16835249>. Acesso em: 16 maio 2023.

tornou-se a primeira obra “da periferia” instituída como leitura obrigatória no vestibular da UNICAMP. Como postula Silvério, no prefácio, o rap nacional é:

[...] gênero cantado por negros que reivindicam uma tradição cultural negra por meio de um discurso de demarcação de fronteiras étnicas e de classe que denuncia o aspecto de violência e dominação contido no modelo cordial de valorização da mestiçagem. (Silvério apud Racionais, 2018, p. 25)

Haveria, efetiva e inequivocamente, um “discurso cantado por negros”, que “reivindicam uma tradição cultural negra” a partir de uma “demarcação de fronteiras étnicas” desprovido de valores e desejos forjados pelo próprio sistema capitalista e burguês? Em nosso entender, sem desconsiderar a relevância da descrição feita por Silvério, o próprio funcionamento do discurso como causa e não efeito da subjetividade – é o discurso que constrói, para o sujeito, posições a serem ocupadas e não o contrário – impossibilita essa separação e é isso que percebemos no *corpus*. Com efeito, se, enquanto “prática militante”, o rap e outros produtos culturais da periferia cantam a cólera do sujeito marginal, em contrapartida, deixam-se atravessar por paradoxos próprios ao pertencimento do sujeito à sociedade de consumo e à economia de mercado.

O interdiscurso articula, neste cenário, dois ou mais discursos em funcionamento na linearidade do intradiscurso (vocabulário e versos das canções). Entendemos por interdiscurso a presença de regiões de saber diferentes suscitadas pelo discurso fonte. Neste artigo, o discurso analisado é o estético. No entanto, resta impossível analisá-lo sem reconhecer que ele se funda em regiões de dizibilidade que lhe são, ao mesmo tempo, interiores e exteriores. Falam nele, mas têm, no campo mais amplo da estrutura sociodiscursiva, uma existência autônoma como campo de saber. Em outras palavras, o discurso religioso pode ser reivindicado pelo estético, mas existe como religioso independentemente deste último. Isso vale para o econômico, o pedagógico e o bélico.

A noção de interdiscurso aqui toma como ponto de partida a ideia foucaultiana de formação discursiva como termo descritivo dos campos de saber. Essa abordagem pode ser lida como heterodoxa para quem defende um fazer mais *stricto sensu* da AD francesa, mas encontra eco nas próprias palavras de Courtine, para quem, o “mal-entendido do discurso”, por muito tempo, restringiu categorias discursivas como o interdiscurso à linearidade sintática ou à gramática:

Michel Pêcheux foi o primeiro a tentar adaptar a noção de “formação discursiva” à análise das formas materiais da ideologia tais como se manifestam no discurso. Segui seus passos transferindo o mais sistematicamente que pude as noções de *A arqueologia do saber – enunciado, redes de formulações, memória discursiva,...* – para a análise linguística dos discursos. Esta operação, no entanto, posso concebê-lo hoje mais claramente com o recuo do tempo, foi originalmente realizada *contra* o próprio Foucault⁷ (Tradução nossa).

As tensões em rede mobilizadas pelo discurso estético e atravessadas pelos discursos político-econômico, religioso, bélico e pedagógico singularizam a *cypher* como portadora de um saber estético-crítico com um vocabulário próprio e uma estrutura rimada. Vejamos o funcionamento do interdiscurso no *corpus*:

⁷ *C'est Michel Pêcheux qui avait le premier tenté d'adapter la notion de « formation discursive » à l'analyse des formes matérielles de l'idéologie telles qu'elles se manifestaient dans les discours. Et je lui avais emboîté le pas en procédant au transfert le plus systématique que j'avais pu des notions de L'Archéologie du savoir – énoncé, réseaux de formulations, mémoire discursive, ... – à l'analyse linguistique des discours. Cette opération, pourtant, je peux le concevoir aujourd'hui plus clairement avec le recul du temps, a été originalement réalisée contre Foucault lui-même* (Courtine, 2011, p. 19, grifos do autor).

- [1] Passou da barricada, aqui é nós quem faz as leis
 - [2] Só tem homem-bomba na paranoia
 - [3] Tentou me pegar na troia
 - [4] Seu tiro foi certo, mas pegou no meu colete
 - [5] Motão BMW no pinote é igual foguete
 - [6] Esquece o capacete porque agora é só granada
 - [7] Os pouco aqui são louco e não vão recuar por nada
 - [8] Fecha o tempo, que o AK é trovoada
 - [9] Que a Glock vai fazer chover rajada
 - [10] É só ter fé no Pai, que o inimigo cai
 - [11] A tropa tá na pista fardada de Calvin Klein
 - [12] Na favela, só se vence pela ira.
- (Menor do Chapa, *Favela Vive III*, 03:25)

Na materialidade dos versos, os discursos bélico, econômico e religioso forjam o sujeito periférico. Conforme a definição de discurso dada na introdução deste artigo, deparamo-nos aqui com três conjuntos de regras anônimas para o dizer que emergem nas SDs acima. O discurso bélico é um conjunto prescritivo de dizeres e valores que metaforiza, na *cypher*, a periferia como campo de batalha. Isso está dado no vocabulário, notadamente, em substantivos como *barricada*, *homem-bomba*, *tiro*, *colete*, *granada*, *AK*, *Glock*. Além disso, o funcionamento estético do dizer intensifica o belicismo pela rima e pelas metáforas atreladas à estrutura do verso. Os termos paralelos rimados (*AK – trovoada/Glock – rajada*) compõem a linearidade do intradiscurso e, interdiscursivamente, produzem o efeito de sentido de caos e tempestade do campo de batalha. O uso metafórico de *trovoada* (deslocado do clima para a guerra) e *rajada* (também ressignificado do clima para a guerra) complementam semanticamente a expressão idiomática *Fecha o tempo* que, ordinariamente, pode significar a previsão de tempestade e, aqui, metaforicamente, significa, pela referência indireta à quantidade de balas da metralhadora *AK*, guerra.

O discurso econômico, por sua vez, seguindo a mesma definição de discurso dada acima, regula, para o periférico, um ideal consumista de existência verbo-ideológica. Como para o discurso bélico, o efeito de sentido de consumismo dado pelo discurso econômico está na regularidade de certos substantivos próprios indicadores de marcas de luxo, tais como *BMW* e *Calvin Klein*. Além disso, destaca-se também, no intradiscurso, a solidariedade entre termos essenciais da rima na comparação e na metáfora. Nesses termos, *Motão BMW no pinote é igual foguete* segue-se ao tiro *no colete*. A fetichização da marca se dá pela comparação hiperbólica entre *moto* e *foguete*, assim como, no âmbito da vestimenta, a expressão *tá fardada* é codependente da marca *Calvin Klein*. O fetiche pela grande marca imbrica-se no alçamento da roupa à farda, um dos signos da infantaria.

O discurso religioso garante, para o sujeito, uma existência supersticiosa e sobrenatural. O substantivo *fé* cumpre um papel fundamental na instauração do efeito de sentido de supersticiosidade. Nos excertos acima, a construção *fé no Pai*, articulada na estrutura do verso com *o inimigo cai*, sintetiza a antinomia *nós vs. eles*. O periférico, assim, estabelece uma aliança com Deus contra o Estado, aqui significado como *inimigo*. O discurso religioso na *cypher* inverte a lógica aceita segundo a qual Deus e a lei estariam em relação de complementaridade. Se Deus está do lado do favelado, a polícia deve perecer. Desse modo, o conceito de *fé* ganha ares de relativismo na medida em que Deus estaria sempre do lado de quem o invoca e não do que é convencionalmente tido como “legal”.

A religião preenche os espaços de uma razão cidadina ausente: o sujeito periférico tem suas próprias leis, aciona o perigo do conflito e deposita a *fé no Pai*. Por essa fé,

emerge a crença em que o inimigo – em geral, a polícia – vai cair e a vitória virá. A ideia de vitória, que podemos recuperar no verbo *vencer* em *vence pela ira*, apoia-se no critério econômico, no ganho financeiro. Isso terá consequências para a significação da importância da educação que discutiremos mais adiante. O sujeito periférico, no discurso estético inscrito na *cypher*, é o sujeito da falta, em geral, e da falta econômica, em particular. Vale ressaltar que não se trata de uma falta que leva à ignorância quanto ao “bom gosto”. Embora pauperizado, esse sujeito conhece a grife. Se há certa desconfiança, no espaço da favela, quanto ao Estado e à educação formal, isso não ocorre com as grandes marcas.

A cisão do espaço entre o *aqui* da favela e o *lá* exterior se dá pela *barricada*. *Lá* estão as leis do Estado, a sociedade prevista nas normas e legislações oficiais. *Aqui*, estão as leis da favela, efeito da ausência do Estado que, embora, oficialmente, legisle para todo o território, “na prática”, não é o que acontece. A figura da *barricada* reafirma a ideia de cisão apontada por Silvério (2018). Cidade na teoria, cidade na prática; *lá vs. aqui*. E é neste *aqui* que o cidadão se metamorfoseia em soldado, a própria marca do sujeito periférico. A imagem do exército cruza a do cidadão: “A deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras” (Orlandi, 2020, p. 51). Se, por um lado, o que é externo influencia, condiciona e achaca a favela, por outro lado, a própria voz que a canta termina por reproduzir uma suposta verdade segundo a qual, ao periférico, é dado “Só vencer pela ira”. Esta é a resposta bélica à exclusão; é também a assunção da guerra constante como saída inevitável.

O discurso bélico põe em funcionamento o inconformismo. O sujeito periférico, que existia na literatura acadêmica como objeto, agora ganha vida como “sujeito que vai enfrentar o sistema”. O motor econômico – roupas, bebidas, carros e motos – o move na busca pelo ter que lhe foi negado. Espécie de guerreiro idealista – as marcas do religioso (“o inimigo cairá pela fé”) reforçam essa característica –, a luta armada é o caminho desenhado para quem se vê coagido pela força. Ao periférico, falta a crença na causa mais eficiente para a ascensão social, a saber, a educação formal. Ali, o processo de destruição causado, em parte, pela ausência do Estado, em parte pela crença no ideário revolucionário, inviabiliza *Shakespeare*, conforme veremos adiante.

ARTICULAÇÕES INTERDISCURSIVAS E O SUJEITO PERIFÉRICO

Para além de sua significação como vítima, até então dominante no cenário cultural nacional, o sujeito periférico ganha existência combativa e armada. A passagem do periférico ao soldado guarda um paradoxo entre uma força que resiste e, ao mesmo tempo, assume um papel socialmente determinado como “fora da lei”, pois a lei interna à barricada contraria aquela fora dela e, no final do dia, é a de fora que ceifa a vida de quem está dentro. A subvalorização da educação formal – muitas vezes significada como “insuficiente”, “descontextualizada”, “não representante da realidade interna da favela” –, complementa esse funcionamento, pois, a crítica à alta cultura também atende à lógica “do sistema” – não ler Shakespeare não desagrada em nada os que entendem seu valor e optam por lê-lo. Nesse cenário é que se apresenta, para o sujeito periférico, o lugar de soldado: “[...] pequenos soldados da vida real carregando fuzil e granada” (MV Bill, *Favela Vive II*, 06:10). Consideremos as seguintes SDs:

[13] Beco da Mina é Vietnã/ Faixa de Gaza, terreno hostil (DK, *Favela Vive II*, 04:42).

[14] Quem segura um fuzil quando menor sonhava em ser jogador/ Mas, sem dinheiro, não decola/ Sem dinheiro são poucas escolhas, o favelado na favela vive dentro de uma bolha/ O favelado na favela vive e sobrevive nela (Choice, *Favela Vive III*, 06:15).

[15] Enquanto essa ‘porra’ não mudar/ O Estado vai ser recebido assim/ Com balas de AK (MC Cabelinho, *Favela Vive IV*, 04:22).

[16] Eles tem grana pra guerra no morro/ Mas nunca consegue acabar com a fome, não [...] Depois perguntam na cara de pau por quê que o menorzin’ virou bandido (MC Cabelinho, *Favela Vive IV*, 04:05).

O soldado de dentro da barricada é efeito da negligência e descaso do Estado, contra o qual se posiciona e do qual se defende. O armamento é pesado e a crítica à ação truculenta do seu inimigo produz um “falar de si”, na medida em que a guerra é movida por ele dentro do seu próprio território. Nessa lógica, o espaço da favela é ressignificado, metaforicamente, como *Faixa de Gaza* e *Vietnã*. O discurso bélico funciona também por revelação de motivos. Nenhuma guerra se faz sem isso. Quase sempre, o conflito impõe uma troca de acusações em que o outro é injusto. Ninguém pega em armas se considera que sua condição é desejável como está.

Os versos naturalizam a favela como espaço de experiências traumáticas que “ninguém ignora”. A expressão *vive dentro de uma bolha* é, em certo sentido, ressignificada. Normalmente, “viver em uma bolha” denota, além do sentido de “estar cercado”, o de “estar protegido”. Nos versos acima, o efeito de sentido de proteção é anulado em função da impossibilidade de sair. O favelado vive a bolha da segregação e não a da autoproteção ou da renúncia seletiva ao mundo exterior. A guerra é significada, assim, como efeito da injustiça. Nas canções, quase podemos ler a letra de Euclides da Cunha relatando a *Guerra de Canudos* – o agente externo que, na verdade, é o próprio Estado, massacra seu próprio povo.

Esse mesmo Estado, que achincalha o contribuinte e a população mais carente, tem dinheiro para fomentar a guerra, mas não tem dinheiro para acabar com a fome. Ao invés do fim da favela, como lemos no trecho de Carolina Maria de Jesus citado mais acima, a *cypher* instaura a luta pela sobrevivência da favela contra inimigos “maiores e mais fortes”. Nesse cenário de luta do “bem contra o mal”, emerge o sentido de heroísmo. A “tropa armada” da comunidade, que vive sob o olhar das leis externas e do poder de Estado, torna-se inspiração para “o menorzinho que virou bandido”. O engajamento pela injustiça torna-se engajamento pelo orgulho, pela sensação de ir à luta.

O ceticismo quanto ao papel do Estado é bom senso para quem se vê sob a mira da polícia. Enquanto a guerra se desenrola no interior das barricadas, o discurso político opera a alienação do tempo, do espaço e do sujeito sob a forma da “eterna solução”. Não há quem não apresente alguma proposta suficiente para resolver o “drama da favela”. Adotando a guerra como saída para as agruras diárias, o sujeito periférico rejeita a política e outros meios de solução para suas questões:

[17] Esquerda de lá, direita de cá/ E o povo segue firme tomando no centro (Djonga, *Favela Vive III*, 01:42).

[18] Odeio tanto a direita quanto a esquerda caviar/ Dizem que tu tem o direito ainda de optar/ Pelos que não se importam com nós/ E os que fingem se importar (DK, *Favela Vive IV*, 08:56).

[19] É que a direita me quer na mira da Colt/ Enquanto o branco esquerdo-cult controla as minhas narrativas (César MC, *Favela Vive IV*, 11:36).

[20] Guarde suas caixinhas, não me perturbe/ Política perde o sentido/ Quando a guerra é de fã-clube (César, *Favela Vive IV*, 11:46).

Os termos *direita*, *esquerdo-cult*, *esquerda* e *esquerda caviar* classificam os inimigos políticos da periferia: eles querem ver o favelado na mira da *Colt*, controlar suas narrativas; esperam que o favelado “tome no centro”. A rejeição – à direita e à esquerda – instaura o descrente na política. Se, por um lado, o político é aquilo que se rejeita, a moral capitalista, pelo viés da ostentação das grandes marcas, gera identificação. O discurso econômico capitalista suscita um senso de autoafirmação pelos bens de consumo tais como carros de luxo, roupas de grife e bebidas importadas, conforme inscrito nas seguintes SDs:

[21] Arrastando Kenner, todo de Cyclone/ Na época, a moda era andar de veludo/ Quando eu vi os Opala, com a roda cromada (DK, *Favela Vive I*, 00:45).

[22] Os cara só porta lançamento/ Porta os armamento/ Mizunão de mil ‘real’ no pé (Lord, *Favela Vive I*, 04:31).

[23] Não é pobre, estuda fora, se mata de droga/ Faculdade paga/ Whisky na beira da orla / Não aprende a lição que diz/ Pra não ser só playboy do Veloster (Lord, *Favela Vive I*, 04:42).

[24] Taças pro alto de Dom Pérignon/ Coma da minha carne, aproveite o banquete/ Que hoje vai ser sua última refeição (DK, *Favela Vive II*, 05:48).

[25] O instinto sobrevive às arapuca/ Eu me camufla na muvuca/ E sumo à bordo de um Porsche Cayenne (Menor do Chapa, *Favela Vive III*, 04:41).

[26] A geração iPhone usa drone e roupa de grife/ A tecnologia a favor desses patifes (Menor do Chapa, *Favela Vive III*, 03:46).

A ostentação é o motor desse discurso econômico e o signo do que falha no aspecto reivindicatório do discurso estético das *cyphers*. Para Pêcheux (1997, p. 300): “[...] os traços inconscientes do significante não são jamais ‘apagados’ ou ‘esquecidos’, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação sentido/*non sens* do sujeito dividido”. Ao retomar o conceito de ato falho, o fundador da Análise do Discurso demonstra o quanto um ritual, por mais estável que seja/pareça, está aberto ao equívoco. Consideremos aqui, que o discurso estético inscrito nas *cyphers* é um modo de significar colérico que elege alguns alvos, a saber, a elite, o Estado, a sociedade extra barricada. Essa estrutura externa à favela é regulada por valores neoliberais, notadamente, o consumismo direcionado a marcas de prestígio de produtos de alto valor agregado como tênis de corrida, carros importados ou reformados com peças caras e bebidas finas. Ao tecer sua crítica, no entanto, a *cypher* termina por incorporar aquilo que critica.

Nesses termos, as SDs acima oscilam entre a crítica e a convivência em relação ao sistema capitalista. Isto é, quando a roupa de grife, os lançamentos e os carros (*Kenner*, *Cyclone*, *Mizunão de mil reais*, *motão BMW*, *Opala de roda cromada*, *Porsche Cayenne*) significam a vitória da favela, são positivados; se o *Whisky* é tomado “de cá da barricada”, nada há a ser denunciado; se, ao contrário, é bebido *na beira da orla* – pelo *playboy do Veloster* – por quem faz faculdade e estudou fora, significa desigualdade. Em outras palavras, a desigualdade é problema do Estado, do rico, da polícia e até da incompetência da escola, mas nunca das grandes marcas – ou do vislumbre do sujeito em relação a elas –, símbolos do padrão aspirado de consumo mais ou menos generalizado. O sujeito periférico é, paradoxalmente, um neoliberal – descrente com o Estado e seduzido pela economia de mercado.

A esse repertório acrescenta-se o discurso religioso como um conjunto de ambiguidades e práticas que garantem, para o sujeito, a experiência da fé. Deus é a “certeza” da vitória, proteção e aliado na batalha ao mesmo tempo em que a própria crença

titubeia. Emerge aí outra divisão entre os “de cá” e os “de lá”: enquanto Deus está do lado da periferia, o demônio está com “os de fora”. Não é apenas uma guerra entre favela e polícia, favela e Estado, mas entre Deus e o demônio.

[28] Nem toda fé persiste/ Já faz um tempo que eu não oro/ Todo dia eu choro/ E o silêncio do lado bom não garante que ele não existe (Sant, *Favela Vive I*, 01:31)

[29] A rua ensina, coração gelado/ Abre os olhos, a bíblia/ Se a palavra valer acredita/ Verdade alfa, eu vendi minha alma/ Pras minhas razões, minha doutrina, minha cláusula (Raillow, *Favela Vive I*, 02:15)

[30] E eu levanto na febre, hein/ Fuzilando a alcateia de demônios que me seguem/ Eles querem meu sangue num cálice na mão dos vermes (Lord, *Favela Vive II*, 00:54)

[31] Eu pergunto e as favelas respondem/ Fé em Deus, não nos homens/ Pelo bem da família e dos irmãos/ Pra não ver nosso sangue pelo chão/ Em dia de baile ou de operação/ Fé em Deus, não nos homens (Orochi, *Favela Vive IV*, 07:08)

[32] Lá vem o caveirão, diabo que mandou (...) Deus não aguenta mais, tá difícil de contra-atacar (Edi Rock, *Favela Vive IV*, 12:34)

A primeira característica do sentido da fé é sua ambivalência. Por um lado, reza-se; por outro, o descompasso entre a crença em um mundo diferente e a realidade concreta posta para o sujeito instaura a dúvida. Para o primeiro eixo significativo, encontramos termos e expressões como *Fé em Deus, não nos homens*; para o segundo, *Já faz um tempo que eu não oro* ou a construção condicional *Se a palavra valer, acredita*. Trata-se de uma característica formativa da sociedade brasileira já apontada no clássico *Casa grande e senzala*. Nesta obra, Gilberto Freyre destaca que a superstição – a crença em uma realidade sobrenatural que interfere nas condições materiais de existência – faz parte da nossa cultura. O autor afirma que

O brasileiro é por excelência o povo da crença no sobrenatural: em tudo o que nos rodeia sentimos o toque de influências estranhas; de vez em quando os jornais revelam caso de aparições, mal-assombrados, encantamentos. Daí o sucesso em nosso meio do alto e do baixo espiritismo (Freyre, 2006, p. 212).

O funcionamento dos signos religiosos remonta à nossa herança colonial portuguesa, em que o espírito de uma nacionalidade centrada em valores como “o orgulho da raça” é substituído pela homogeneização pela fé cristã: “Na falta de sentimento ou da consciência da superioridade da raça, tão salientes nos colonizadores ingleses, o colonizador do Brasil apoiou-se no critério da pureza da fé” (Freyre, 2006, p. 272). Por esse padrão, o que está “certo” e o que está “errado” na sociedade em que vivemos é fruto de ações divinas ou demoníacas. Isso irrompe na mistificação do diabo como ente que envia o “caveirão”. O diabo, figura do mal, é a força social da reprimenda, da rejeição e do ataque à favela.

A superstição faz par com a rejeição à educação, em geral, e à educação formal centrada exclusivamente na razão, em particular. Sem tantos argumentos para a fé – aliás, essa mesma falta de argumentos produz uma fé condicionada e meio desconfiada –, em contrapartida, a significação da antiescolaridade é dada como clara e objetiva. A presença direta ou indireta da crença na “inadequação da escola”, por vezes, leva a uma falta de direção no papel formador da educação, sempre correndo com o balde cheio d’água sem saber onde é o incêndio.

Diante da descrença no sistema educacional, emergem propostas de solução, dentre as quais destacamos o “ideário da contextualização”. Por esse viés, o insucesso ou

o sucesso educacional dependem de o aprendiz associar o que tem de aprender à sua realidade concreta. Todo ensino que não possa ser imediatamente aplicado à vida do aluno é, em tese, inadequado. Emerge o sentido de busca irrestrita por “adaptar a escola ao contexto”, que leva à redução da instituição aos desígnios do “cliente” e não à elevação dele a uma realidade diferente da que vive. Isso está difundido um pouco em cada lugar na mentalidade pedagógica brasileira, mas, para deixarmos isso mais claro, eis uma das premissas da BNCC que, no nosso entender, concretizam essa crença:

Essa orientação induziu à concepção do conhecimento curricular contextualizado pela realidade local, social e individual da escola e do seu alunado, que foi o norte das diretrizes curriculares traçadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) ao longo da década de 1990, bem como de sua revisão nos anos 2000 (Brasil, 2018, p. 9).

Que, no mundo ideal, possamos trabalhar ao máximo a realidade local, há pertinência. No entanto, o fim último do processo educacional é que o sujeito do aprendizado se aproprie de saberes que são culturalmente valorizados para além da comunidade em que ele vive, notadamente, nos meios prestigiados da alta cultura. Na ânsia de que a escola fale a “língua do alunado”, o caráter formativo e transformador da educação pela técnica da leitura, da escrita e do cálculo se perde. Eufemisticamente, pairam, nas crenças pedagógicas inscritas em documentos oficiais como a BNCC, sentidos de “rejeição ao difícil” no âmbito intelectual: o difícil “desestimula”, o difícil “faz desistir”. É mais cômodo, ao invés de admitir que a educação perde cada vez mais para o ludicismo alienante das redes sociais e dos jogos eletrônicos, acreditar que a escola está fora de contexto.

A rejeição aos valores da elite na *cypher* é controversa, pois a descrença no ensino e na alta cultura que, em tese, seriam um caminho mais curto para uma resposta efetiva contra o sistema opressor – enquanto um livro custa cinco reais em um sebo, um celular ou um “Mizunão” custam mais de mil e dão, em geral, um retorno pouco produtivo ao usuário –, leva à subvalorização do conhecimento formal. É esse, a nosso ver, o ponto cego para o sujeito periférico: a rejeição à educação formal, justificada pela ideia de que a escola é “atrasada”, “descontextualizada” e que o ensino “não reflete a sua realidade”. Com efeito, a atmosfera de rejeição à educação formal pode ser lida também como fruto de um imperativo pedagógico contemporâneo segundo o qual a educação tem que fazer sentido no e para o contexto do aluno. Tem que ser moderna, tecnológica. Como atingir essa meta é uma quase impossibilidade em níveis populacionais, resta o idealismo de uma educação que cada vez mais se rebaixa à expectativa dos aprendizes que, cada vez menos, encontram sentido na escola.

Emerge, no lugar de uma educação que exige que o aluno, desconfortavelmente, saia do que lhe é habitual, diretrizes que muito desconstroem, mas encontram dificuldade em propor algo diferente do óbvio: a boa educação se faz com leitura e escrita; isso dá trabalho e está fora de moda, a não ser que esteja nas telas dos *tablets* ou celulares de última geração⁸. É esse trabalho – que implica renúncia a celulares, computadores, televisão, mídia tradicional, futebol e carnaval, enfim, à cultura da diversão óbvia e atrelada ao capital das grandes marcas – que se oblitera nas epopeias de garotos que tiveram sucesso como jogadores de futebol ou nas narrativas que ensinam que só vale a pena aprender aquilo que vai render grandes somas de dinheiro.

⁸ Em países cuja evolução tecnológica chegou a níveis extremos, há um recuo em direção às formas “tradicionais” de ensino. Várias matérias têm circulado nesse sentido a respeito de países como a Suécia. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/07/por-que-a-suecia-desistiu-da-educacao-100percent-digital-e-gastara-milhoes-de-euros-para-voltar-aos-livros-impresos.ghtml>). Acesso em 18 maio 2024.

ESCOLA FORMAL *VERSUS* ESCOLA DA VIDA

A rejeição à alta cultura faz parte do panorama social brasileiro. Um pouco em cada lugar, emergem sentidos de que é preciso substituí-la por “conhecimentos acessíveis” ou por “narrativas mais fáceis”, ou ainda, em sua forma mais elaborada, “por saberes cotidianos e comuns à vida dos alunos”. Há aí a naturalização de que o adolescente/jovem, em especial o periférico, é inapto para ler Dante, Shakespeare, Virgílio e Homero. Esse ideário pode ser sistematizado por enunciados como “A linguagem é muito difícil para eles, façamos uma versão adaptada” ou “Vamos traduzir para uma linguagem que os ‘pouco’ letrados possam entender”.

Esse *modus operandi* reafirma uma crença de que “alta cultura é coisa de elite”, o que, em certa medida, homologa o significado de “cultura elitista” ao de “alta cultura”. Isto é, ao propor a substituição da “alta cultura” pela “cultura local”, homogeneiza-se – pela justificativa ideológica de que “adaptar/facilitar é ser democrático” – custo de bens de consumo de elite – que são caros, fonte de esnobismo e difíceis de obter – com custo de consumo de alta cultura, que é baixo – livros são baratos. Aliás, alta cultura não é, inequivocamente, fonte do interesse das elites brasileiras, o que colocaria em perspectiva a relação biunívoca – alta cultura ⇔ capital – entre capital e alta cultura. O desinteresse pelos clássicos não é exclusividade dos pobres e periféricos.

É desse funcionamento que vem parte da rejeição à educação formal tida como de “alta cultura” ou “de elite”. A crença em que é preciso substituir os clássicos pela “educação da rua” em favor do aprendiz emerge nas SDs abaixo. A escola é construída – seguindo certa tradição do discurso estético, como por exemplo, em *Doidinho*, de José Lins do Rego – como “inadequada”, “descontextualizada”, “opressiva”. Mais modernamente, as tentativas culturais de “salvar a escola” vêm sob a forma de filmes motivacionais em que o professor surge como “herói das causas perdidas” e consegue, após várias agressões e insultos, “converter os alunos” em “sujeitos do conhecimento”.

Vejam os efeitos disso na apropriação do pedagógico pelo estético em nosso *corpus*:

[32] Terror da bola na escola, o causador das confusão/ Inteligente, problemático, o melhor na redação/ Largou o estudo atraído por maconha e pichação/ Pra fazer arte misturava tinta e destruição (DK, *Favela Vive I*, 00:12)

[33] Também não leio Hamlet, nem Shakespeare, pô, eu tive infância (Froid, *Favela Vive I*, 04:02)

[34] Ninguém incentiva um favelado a ler, escrever/ Nós já nascemos preparados pra morrer (Funkero, *Favela Vive II*, 04:10)

[35] A escola me reprovou de série/ Mas a rua me aprovou para ser representante dela (Choice, *Favela Vive III*, 06:32)

[36] Pra combater e virar uma vencedora/ Me tornei uma boa aluna porque tive boa professora/ Na escola da vida, na escola da rua/ Favela que vive, favela que chora e a luta continua (Kamila CDD, *Favela Vive IV*, 04:56)

[37] Vocês odeiam concorrência, não tiveram coerência/ Me ensinou o latrocínio e como invadir residência/ Quinhentos anos que os branco tão na ‘porra’ do Brasil/ Dando um curso intensivo de como agir com violência (DK, *Favela Vive IV*, 09:05)

A educação é atravessada por uma série de crenças que justificam uma posição “antiacadêmica”. Relativiza-se a fronteira entre o *lá* e o *cá*. O desprestígio da educação formal não atende necessariamente ao critério financeiro ou geográfico, já que tanto em

escolas dentro quanto fora das favelas, o professor é um tipo de *persona non grata*⁹, notadamente, se exigir algum rigor ou seriedade. Com efeito, o discurso pedagógico é complementar ao posicionamento do sujeito periférico nos efeitos de sentido de desresponsabilização e de positividade da “cultura das ruas” em contraponto à “cultura acadêmica”. O funcionamento casado dessas duas posições sustenta a “cultura das ruas” ou a “valorização da cultura periférica” – e não estamos aqui sendo contra essa valorização, mas apenas colocando um argumento falacioso em perspectiva –, não raras vezes, como a única possível para “despertar o interesse” dos jovens da periferia. “Não precisamos ensinar aos jovens o que não é da realidade deles” é o carro-chefe de muitos argumentos pedagógicos modernos, tanto em salas de aula como em produtos culturais como filmes, livros e novelas. O clássico *Sociedade dos poetas mortos*, dirigido por Peter Weir, é signo desse “sentimento de boa rebeldia”. Por representações como essa, assistimos a uma denegação do metódico e do tradicional pela afirmação de uma heterodoxia mais livre, “fora da caixa”.

Diante desse cenário desfavorável, a escola é quase sempre – mais ou menos como é para certa fala conservadora pró *home schooling* – o espaço da insuficiência, da descontextualização, do fracasso. Não afirmamos que não é e nem somos contra o *home schooling* ou qualquer alternativa educacional. A questão aqui é o efeito de sentido de inadequação da escola na *cypher* que, nesse aspecto, não apresenta novidade nem exclusividade do periférico em relação ao burguês. Não faltam falas de pessoas bem-sucedidas financeiramente dizendo que a escola é desnecessária porque aprenderam a ganhar dinheiro – ou obtiveram sucesso – longe das salas de aula.

Esse efeito de desresponsabilização inscreve-se nas construções: *Largou o estudo atraído por...*, *Ninguém incentiva, ... porque tive boa professora*. Nas primeiras duas construções, não estudar é dado por reforço negativo, ou seja, pelos “nãos” sugeridos em *Largou* – não estuda mais – e *Ninguém incentiva* – não há incentivo. Na terceira, a desresponsabilização é dada por um reforço positivo, ou seja, o bom resultado acadêmico é atingido apesar do sujeito, que se realiza na capacidade de outrem, a saber, da professora.

Sobre a primeira expressão, a decisão de largar o estudo é distensionada pelo participio “atraído”, ou seja, largar o estudo deixa de ser uma decisão sob controle do sujeito para se tornar um quase “motivo de força maior”. Aquele que “é atraído” deixa de responder inequivocamente pelo que o atrai. Se toda a astúcia é ineficaz contra maconha e pichação, a correlação entre pichação e arte antecipa o distensionamento do conceito de arte, já que a prática é tomada por artística sem qualquer elemento técnico que a justifique. Cumpre ressaltar que o termo é “pichação” e não “grafite¹⁰” (*Largou o estudo atraído por maconha e pichação*).

O paradoxo é mais evidente pelo contraste entre “pichar” e “ninguém incentiva”. Para pichar, não é necessário incentivar; para “ler e escrever”, sim. A desresponsabilização mais uma vez legitima o efeito de sentido antiacadêmico. Não lê e não escreve porque não o incentivam; largou a escola porque foi atraído. E mesmo quando o reforço é “positivo”, terceiriza-se para o professor: *Me tornei uma boa aluna porque tive boa professora*. Ora, essa naturalização do antiacadêmico, notadamente, para o sujeito periférico, participa de uma desvalorização geral da escola e do ortodoxo que não serve tanto a ele quanto aos “de lá”. A saída menos onerosa ao despossuído é a educação formal e a leitura das obras clássicas com a linguagem tanto mais “difícil” quanto

⁹ Sobre a imagem do “professor ideal” no discurso pedagógico, remetemos o leitor a Kogawa; Dos Santos (2021).

¹⁰ Para uma discussão sobre os sentidos da pichação no discurso, remetemos o leitor a Kogawa; Knetsch (2019).

possível. Atrever-se a ler os grandes autores e a resolver listas de exercícios matemáticos poderia e deveria ser a arma da resistência. Para o burguês, desconstruir esses valores é simples porque podem recorrer aos bolsos dos pais; para o favelado, é a sentença de morte.

Esse efeito colateral de ludicização do processo educacional compreende uma correlação entre aprendizado, amor e prazer. “Aprendo se sou acolhido, se é divertido”; o que significa “ser boa professora”? O paradoxo entre “não ser incentivado” e “não precisar de incentivo para pichar” retorna na negação da possibilidade de se ler Shakespeare e ter tido infância. “Pichar”, lido como “arte”, não tem exigência etária; ler Shakespeare – que custa menos que uma lata de tinta e não exige muito mais que um chão para se sentar – tem. Há que se perguntar em que medida a própria indústria cultural não reproduz esse tipo de crença – estudar textos relevantes é para adultos. Há não muito tempo, o *youtuber* Felipe Neto afirmou: “Forçar adolescentes a lerem romantismo e realismo brasileiro é um desserviço das escolas para a literatura. Álvares de Azevedo e Machado de Assis não são para adolescentes! E forçar isso gera jovens que acham literatura um saco¹¹”. É “cool” desvalorizar os clássicos.

A série de SDs termina com o mais controverso dos efeitos de sentido, a saber, a violência é efeito da opressão: “Me ensinou o latrocínio e como invadir residência/ Quinhentos anos que os branco tão na ‘porra’ do Brasil/ Dando um curso intensivo de como agir com violência”. Aqui, mais que a desresponsabilização, emerge o efeito de sentido de justificação. Rouba-se e mata-se porque o branco é culpado pela colonização. Para esse curso – mais uma vez funciona aí a ideia de superioridade da prática em relação à teoria –, o sujeito “está aberto” ao aprendizado. “Ler e escrever” ou simplesmente “ler Hamlet” não dá, mas “latrocínio” e “invadir residência” aprende-se mesmo sem uma proposta pedagógica apostilada. “Basta olhar; basta sentir”. O sensualismo empírico é a fonte de uma “epistemologia do crime”; a insensibilidade de uma elite, a justificativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os anos 1980, a periferia vem ganhando cada vez mais voz no discurso estético. O rap protagonizou uma ruptura no lugar ocupado pelo sujeito nesse discurso. Se, até os anos 1980, o periférico existia esteticamente na literatura acadêmica, o rap encabeçou uma virada na paisagem cultural urbana. Dentre as várias faces do rap, seu papel como signo de resistência sempre lhe foi constitutivo. Foi assim nos EUA, onde surgiu, e foi/tem sido assim no Brasil. Como efeito de seu desenvolvimento, o rap se pluralizou em uma variedade de estilos, dos quais um dos mais recentes é a *cypher*.

Neste artigo, analisamos a *cypher Favela Vive* à luz da interdiscursividade. Pela articulação entre o político-econômico, o bélico, o religioso e o pedagógico, concluímos que, mesmo sendo voz de resistência, as letras encerram um paradoxo entre a crítica ao Estado burguês capitalista e a assunção de seus valores. Se, por um lado, o sujeito periférico é constituído como soldado da favela e reivindica esse espaço para si, por outro, compartilha com uma elite o fetiche por signos do capitalismo como a idolatria pelas grandes marcas e a crença no ideal financeiro-ostentatório como significado do “vencer na vida”.

Esse paradoxo intensifica-se pela rejeição à escola, à educação formal e à alta cultura como responsabilidade desse mesmo sujeito periférico. Argumentos como “não leio Shakespeare, pô, eu tive infância” ou “ninguém incentiva a ler e escrever”, ainda que

¹¹ Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2021/01/apos-polemica-de-felipe-neto-como-abordar-literatura-classica-na-esco.html> Acesso em 18 maio 2024.

por motivos distintos – e não cabe à AD julgar motivos –, não são exclusividade da periferia. Assim, concluímos que o discurso estético materializado na *cypher* não apenas reivindica uma tradição cultural negra (SILVÉRIO, 2018) ou demarca fronteiras de classe, mas também reafirma, em certa medida, aquilo que “conscientemente” rejeita.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- COURTINE, Jean-Jacques. A voz do povo – a fala pública, a multidão e as emoções na aurora das massas. Tradução de Denise Leppos *et. al.* In: COURTINE, Jean-Jacques & PIOVEZANI, Carlos. **História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. pp. 261-289.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFScar, 2009.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Déchiffrer le corps: penser avec Foucault**. Grenoble: Jérôme Million, 2011.
- DE JESUS, Carolina Maria. **Quarto de Despejo**. São Paulo: Editora Ática, 1963.
- FAVELA VIVE I. Direção: Guilherme Bhrem. Produção musical: Índio. Edição: GB LAB. Ano de lançamento: 2016. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=aKLdbB3sO94>. Último acesso em: 27 de ago. 2022.
- FAVELA VIVE II. Direção: Guilherme Bhrem. Produção executiva: Thomaz García. Edição: GB LAB. Ano de lançamento: 2016. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=XYvrwZmjXJY>. Último acesso em: 27 de ago. 2022.
- FAVELA VIVE III. Direção: Guilherme Bhrem. Produção musical: Índio e Mortão. Produção executiva: Thomaz García. Edição: GB LAB. Ano de lançamento: 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=avbOUVHr0QI>>. Último acesso em: 27 de ago. 2022.
- FAVELA VIVE IV. Direção: Guilherme Bhrem. Produção musical: Índio e Tibery. Produção executiva: Thomaz García. Edição: GB LAB. Ano de lançamento: 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SZ1H5II0IuU>>. Último acesso em: 27 de ago. 2022.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7.ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos**. 3.ed. São Carlos/SP: Claraluz, 2007.
- JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- KOGAWA, João; KNETSCH, Patrícia Bucioli. Por uma análise do discurso “revolucionário” em pichações. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 61, p. 1–17, 2019. DOI: 10.20396/cel.v61i1.8653465. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8653465>. Acesso em: 18 maio. 2024.
- KOGAWA, João; SANTOS, Reinaldo Dias dos. Todo professor é um educador: analisando uma evidência do discurso pedagógico. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 63, n. 00, p. e021041, 2021. DOI: 10.20396/cel.v63i00.8664040. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8664040>. Acesso em: 18 maio. 2024.

- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13ªed. Campinas, SP: Pontes Editoriais, 2020.
- ORLANDI, Eni. **Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- RACIONAIS MCs. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras. 2018.
- SANCHEZ, Marco. Literatura marginal brasileira ultrapassa fronteira das periferias. **DW**. 27 de maio de 2013. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/literatura-marginal-brasileira-ultrapassa-fronteira-das-periferias/a-16835249> Acesso em 16 de maio de 2023.
- VEYNE, Paul. Foucault: seu pensamento, sua pessoa. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Recebido:16/5/2023
Aceito:17/5/2024
Publicado:18/6/2024